



O EU TRANSVIADO – CATEGORIAS E MANIFESTAÇÕES DE GÊNERO

Milena Nayane de Lima Silva; Rosanne Roseilda da Silva

UNIFAVIP – Faculdade do Vale do Ipojuca. E-mail: unifavip@devrybrasil.edu.br

RESUMO: Neste artigo, propomos a reflexão sobre a identificação de gênero, em suas formas de vivenciá-lo, enquanto sua manifestação no contexto social. Estabelecendo a compreensão entre o que é gênero e sexo em sua significação e surgimento, como também as contribuições dos movimentos feministas na construção dos termos, devido as desigualdades que surgiram entre os sexos. Citando categorias que vieram a surgir ao longo do tempo no meio social como, transgênero, cisgênero, travestis, *drag queens*, *drag kings*, transformistas, de forma a esclarecer as particularidades de cada categoria citada, bem como suas manifestações artísticas. Fazendo uso de métodos bibliográficos para um possível maior embasamento teórico acerca da problemática apresentada. Contribuindo assim, com discussões quanto à sexualidade na forma com a qual ela vem a se apresentar, em sua manifestação.

Palavras-chave: Gênero, sexo, sexualidade, travestis, identificação.

INTRODUÇÃO

Para que se possam compreender as diversas manifestações de gênero, mais especificamente focada ao corpo, é necessário estabelecer a compreensão entre o que é gênero e sexo.

No senso comum, é costumeiro o uso equivocado dos termos para designar personalidades ou traços sexuais, por exemplo, utiliza-se o termo "sexo" para definir a identidade do masculino e do feminino, quando na verdade o sexo diz respeito a uma perspectiva biológica mais voltada a genitália.

Em contra ponto, a partir do movimento feminista, passou-se a aderir o termo gênero como um modo de identificação, organização e relação entre os sexos. As feministas então passaram a fazer uso dessa nomenclatura,

devido às desigualdades econômicas e sociais, que surgiram através das distinções entre os sexos.

Tendo tal entendimento dos termos abrangidos, é possível esclarecer que, a identificação com o gênero, independe da formação anatômica sexual do indivíduo, gerando determinadas angústias a cerca da própria identidade e pertença ao corpo dentro dos determinismos biológicos ao qual lhe foi determinado, por isso, é pertinente elencar categorias que vem ganhando notoriedade entre a sociedade, como transgêneros, transexuais, travestis e transformistas.

Seguindo essas temáticas, tem-se o propósito de provocar inquietações e discussões, que visem à ampliação de pesquisas e trocas de saberes, voltada para construtos sexuais em meio à sociedade,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desconstruindo estereótipos, viabilizando potencialidades no enfrentamento de desigualdade e discriminação entre os sexos.

Também no entendimento daqueles que tem como tabu a sexualidade na forma com a qual ela se expressa, considerando causas religiosas, culturais e sociais em suas particularidades. Inquietações essas que surgiram a partir de revisões bibliográficas, e casos acompanhados no cotidiano, de pessoas que estão na constante busca de encontro de identidade conseguem mesmo e o seu próprio corpo.

A consequência dessas análises foram abranger estudos, discussões, reflexões e desconstruções, pois ainda há consideravelmente pouco material nessa temática estabelecido.

METODOLOGIA

Antes mesmo do nascimento um feto em sua gestação já está inserido num contexto sociocultural estruturado, demarcando a categoria feminina ou masculina, tomando como pressuposto a identificação do sexo. Dessa forma, notam-se limitações e impossibilidades de cada indivíduo experienciar e explorar seus próprios corpos em manifestações físicas e primordialmente subjetivas fora de categorias binárias. A sociedade patriarcal brasileira tem uma crença baseada no sistema coercitivo-regulatório-

identitário de gênero através dos órgãos genitais. (BENTO, 2011).

Contribuições concebidas por (LONGARAYA; RIBEIRO, 2009) apontam que, a construção social de um sujeito, é formada a partir de sua interação com o meio, adquirindo então através das informações e identificações a sua subjetividade individualizada. O corpo então, que devido a diversas (re)significações e sujeito a possíveis mudanças, vem sofrendo inúmeras modificações de acordo com a cultura no qual o indivíduo está inserido.

Como acentua os já referidos autores, a sexualidade, em grande parte das vezes, é entendida como algo apenas voltado ao ato sexual em si, mas não de identificação, de desejo, de maneira sentimental, de linguagem, de cultura. A sexualidade é considerada uma construção identitária, seja culturalmente, histórico e até mesmo social.

A partir das feministas americanas, a palavra gênero passou a ser empregada, como resistência das desigualdades sociais referentes ao sexo. Como uma rejeição as normas determinadas sócio-culturalmente, como as obrigações do sexo, como mulher ser responsável pelos afazeres domésticos e familiares, cabendo ao homem trabalhar para dar o suporte familiar, firmando assim, seu papel de provedor e "homem da casa". (SCOTT, 1989).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Segundo algumas reflexões (AMORIM 2011), a mulher em sua busca incansável por direitos, nada mais busca que direitos iguais ao dos homens, como salários iguais, com direito a alcançar cargos importantes em uma organização, com a mesma autoridade e respeito no qual se é dado a um homem.

Pensando nessa busca de igualdade entre os sexos, direciona-se um olhar histórico para o papel da mulher na sociedade brasileira, pois os fenômenos sociais seguintes são influenciados por esse delineamento histórico. Desde a colonização do país, a dominação posta sobre as novas terras foi estabelecida pelos homens portugueses. Devido a ausência das mulheres europeias, esses homens assumiram uma liberdade sexual primeiro entre as indígenas, depois pelas escravas africanas, marcando alto nível de miscigenação. (DESOUZA; BALDWIN e ROSA, 2000)

Posteriormente, corroborando com os autores citados, com a chegada das mulheres portuguesas ao Brasil, trouxeram consigo moldes que estruturavam um modo de ser mulher universal, considerado como Modelo de Maria (Marianismo). Esse modelo compreendia as mulheres como assexuadas, frágeis, obedientes, onde seu convívio social era apenas entre sua residência e a Igreja, suas perspectivas de futuro se resumiam ao casamento, servidão ao marido e procriação.

Na cultura machista Brasileira, o Modelo e Maria trás forte teor religioso e as mulheres realmente são associadas à Virgem Maria como modelo adequado na aceitação social, por isso a castidade, fragilidade e habilidades voltadas para o lar são características extremamente valorizadas socialmente. Desse modo, a troca desses papéis tão fortemente instaurados historicamente, promovem movimentos de negação e opressão, reflexo do construto de novas identidades e papéis sociais. (DESOUZA; BALDWIN e ROSA, 2000)

Partindo-se do entendimento de (AMORIM, 2011), o reconhecimento da mulher se dá então, através de sua masculinização, seja de sua vestimenta ou mesmo formas masculinas de representação que às são empregadas, ou seja, a ela foi-se permitido os mesmos cargos que são considerados de competência masculina, porém ainda não lhe é atribuída a capacidade necessária para exercer determinadas funções. O movimento feminista adotou em seu referencial o homem, durante todo o seu percurso.

O termo “gênero” é utilizado para discutir e exemplificar as relações sociais entre os sexos. Sua função explicativa exclui as categorizações biológicas que tanto determinam os estereótipos onde o homem naturalmente possui corpo, força e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desempenho superior, enquanto que as mulheres, mais frágeis, “cuidadoras” do lar, obrigatoriamente têm filhos. Dessa forma, a maneira de se discutir as construções sociais, ou seja, atribuições exclusivas das identidades direcionadas tanto para o homem, quanto para a mulher, só foi viabilizada através do gênero, diferenciando prática sexual dos papéis sociais, claramente exteriorizadas no corpo. (SCOTT, 1989)

Existe uma pluralidade sobre a identificação de cada sujeito com algum gênero. É de extrema importância esclarecer que qualquer ser humano pode ser pertencente a alguma categoria no que diz respeito ao gênero, sendo transgênero, aquele(a) que não se sente pertencente ao gênero que lhe foi atribuído através de perspectivas biológicas, ou cisgênero, este último consiste na pessoa que se identifica inteiramente com o gênero ao qual lhe foi atribuído desde o nascimento. (JESUS, 2012)

Também há a categoria de quem não se identifica com qualquer gênero e, vale frisar, não existir conformidade para denominar tal grupo, havendo utilização variada das palavras “andrógino”, *queer* ou transgênero. (JESUS, 2012)

Partindo do entendimento do já referido autor, as formas de vivenciar o gênero são manifestadas diretamente no corpo em expressões a partir da identidade, como

travestis e transexuais, e via expressões artísticas como *drag queens*, *drag kings* e transformistas.

Segundo (RIBERTI; BOSSO; SOUZA, 2012), é possível exemplificar as (os) travestis como pessoas que nascem biologicamente com determinado sexo, mas que acrescentam acessórios característicos como, por exemplo, perucas, maquiagens, vestimentas ou até mesmo próteses (como diversos tipos de silicone), para se assemelhar com o corpo da maneira ao qual se identifica com o sexo oposto, muitas vezes transmitindo uma imagem sexualizada, pois os esforços das travestis estão voltados para o alcance do corpo de uma mulher cis por exemplo.

Na tentativa de alcançar determinados objetivos, esses sujeitos acabam por se submeterem a diversos processos de mudanças corporais, dentre eles processos arriscados de implantes de silicone, de forma clandestina, tratamentos hormonais por conta própria, sem o devido acompanhamento médico. Situações essas, mais ocorrentes com travestis de condições econômicas inferiores.

O “ser homem durante o dia e mulher durante a noite”, é uma expressão orientadora do que é ser transformista, onde na tentativa incessante de ocultar a masculinidade, faz uso de diversos recursos característicos do feminino, como maquiagem, roupa, seios, modelagem do corpo, saltos, para alcançar um



aspecto impecável, do que é socialmente atrativo no corpo de uma mulher. O reconhecimento é tido não somente através dos trejeitos apresentados, mas também através do encorporamento por completo, onde a satisfação está em não ser reconhecido enquanto homem. (JAYME, 2004 pág. 3).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer das discussões é notório que há manifestações subjetivas pluralizadas em “sexualidades desviantes” que extravasam o padrão binário socialmente dominante-determinista. Desta forma as categorias aqui mencionadas são lançadas à abjeção, ou seja, uma verdadeira negação de um corpo que nem deveria existir, pois todo construto, seja do próprio sujeito, de seus corpos ou identidade, está envolto em sistemas normativos, onde a exclusão é produto desse processo. (BUTLER, 2003)

Por isso, (WELZER-LANG, 2001) o (trans)viado é marcado como aquele que está desviado do caminho adequado, perdido e por isso é "permitida" a perpetuação do (cis)tema que continua a oprimir a existência de outras categorias. Assim, a matriz patriarcal demarca um movimento de legitimação do heterossexismo, ou seja, ações discriminatórias e opressoras pautada em distinções na orientação sexual.

Para este mesmo autor, vale destacar que tais mobilizações opressoras podem ser praticadas por grupos, individualmente ou institucionalmente, tendo como objetivo instaurar a superioridade da heterossexualidade, em detrimento de tudo que se aproxime do universo homossexual.

Isso ocorre devido à política do corpo que lidera o regime dos desejos e exposições de sexualidade, desse modo homens ou mulheres que vivem fora do padrão binário, são passíveis às sanções sociais que os categoriza como homens e mulheres não normais, independente de sua orientação sexual.

Exemplificando bem esse contexto, nos trechos da música Calúnias do músico Ney Matogrosso: *“Eu deixei aquela vida de lado e não sou mais um transviado. Telma, eu não sou gay”*. Denotam-se as definições heterossexistas e homofóbicas da “real” masculinidade, alertando que qualquer aproximação do homem ao universo feminino o demarcará como “passivo”, dominado e afeminado. (WELZER-LANG, 2001)

É evidente uma disparidade gritante no que se refere às manifestações sexuais que ultrapassam a linha do dito “normal”, pois em 1997 o Conselho Federal de Medicina passa a realizar processos de transgenitalização em pessoas transexuais, porém com ressalvas. Tal ação cirúrgica seria considerada apenas como



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

viés terapêutico, já que os pacientes apresentam “desvio mental” referente a sua identidade de gênero. Quando surgem avanços que mobilizem possibilidades da construção identitária e subjetiva das pessoas trans, o (cis)tema retrocede patologizando o que foge a norma.

Seguindo a lógica de (BUTLER, 2003), expõem-se um movimento contrário resistente, definem uma via de mão dupla ao sistema normativo, onde ao mesmo tempo em que são excluídos, demarcam as linhas daquilo que existe, confrontando os limites a partir da exterioridade e dessa forma passam a “existir”, mesmo sob força repressora que insiste em invisibilizá-los.

Nessa perspectiva, pode-se mencionar a assinatura do decreto pela presidenta Dilma Roussef nas Conferências Conjuntas de Direitos Humanos, no dia 28 de abril de 2016, permitindo o uso do nome social para transexuais e travestis no poder público. Essa medida compreende extrema relevância, pois há um direcionamento da ótica do cuidado a uma população invisível, que está lançada ao preconceito, discriminação e rejeição, até mesmo entre as próprias políticas públicas de inclusão, que em grande maioria não são respeitadas, como nos atendimentos do SUS, por exemplo, onde o nome social ainda é negligenciado. Trata-se de um momento em que pela primeira vez a cidadania das travestis

e transexuais foi realmente posto em pauta. (AMARAL, 2007)

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos analisados percebe-se que, ao decorrer do tempo à sociedade veio se modificando, e com ela foram surgindo novas maneiras de expressão subjetiva da sexualidade, mais especificamente focada ao corpo, criando assim categorias das mesmas para uma considerada necessidade de definição.

Perpassando pela constante busca de encontro de identidade consigo mesmo e com o próprio corpo, o público homossexual ou simpatizante, sofre constante preconceito e julgamento, seja ele religioso, político, social e até mesmo econômico, que devem provocar inquietações para um melhor acolhimento a esse público discriminado, e um melhor esclarecimento, ao público que se nega a perceber as diferentes manifestações de gênero. Fazendo-se necessária uma maior abertura a discussões de temáticas desse meio.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Linamar Teixeira de. **Gênero: uma construção do movimento feminista?** Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de ago. 2011. pp. 1-12. Disponível em: <

www.generoesexualidade.com.br
(83) 3322.3222
contato@generoesexualidade.com.br



<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Linamar.pdf>>. Acesso em: 02 de mai. 2016.

AMARAL, Daniela Murta. **A psiquiatrização da transexualidade: análise dos efeitos do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero nas práticas de saúde.** 2007. 129 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2007.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.** Estudos Feministas, Florianópolis, 19 (2): 336, mai/ago, 2011, pp. 549-559. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/articloe/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em 02 de mai. 2016.

Blog do Planalto, Presidência da República. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/dilma-assinado-decreto-que-autoriza-uso-de-nome-social-no-servico-publico/>>. Acesso em: 01 de mai. 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003. p. 39.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. **A construção social dos papéis sexuais femininos.** Psicologia: reflexão e crítica, v.

13, n. 3, p. 485-496, 2000.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: identidade, corpo e gênero.** VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, no Painel Sexualidades Minoritárias? Identidades, Associações e Movimentos LGBT. 16 set. 2004, pp. 1-20. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/JulianaJaime.pdf>>. Acesso em: 02 de mai. 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília: Publicação online, abr. 2012, p. 10. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em 01 de mai. 2016.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Problematizando os Discursos Científicos Sobre a Homossexualidade.** Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência. Florianópolis: 8 de nov. 2009. pp. 1-10. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienepec/pdfs/886.pdf>>. Acesso em: 02 de mai. 2016.

RIBERTI, Rebeca Aparecida; BOSSO, Rogério Adriano; SOUZA, Luciana Gomes de Almeida. **O Papel do Feminino em um**



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Corpo Masculino: Proposta de Análise de Identidade Através de Relatos de Travestis.

Psicólogo, fev, 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/sexualidade/o-papel-do-feminino-em-um-corpo-masculino-proposta-de-analise-de-identidade-atraves-de-relatos-de-travestis>>.

Acesso em: 02 de mai. 2016.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Cara, Coroa e Rainha: Gênero no Espelho das Drag Queens.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 16 a 20 de set. 2013, pp. 1-10. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resour>

ces/anais/20/1385560862_ARQUIVO_JoseylsonFagnerdosSantos.pdf>. Acesso em: 02 de mai. 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Àvila. New York: Columbia, University Press, 1989.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Revista Estudos Feministas, 2001, pp. 460-482.